

ADILSON MOTA

ELES CHEGARAM!



Um conto de ficção

2021

Não se turbe o vosso coração.
Credes em Deus, crede
também em mim. Há muitas
moradas na casa de meu Pai.
(JOÃO, XIV, 1).

ELES CHEGARAM!

Aquela era uma manhã de verão, aparentemente normal. Acordei cedo, tomei um banho e fui à padaria da esquina para tomar um café da manhã. O vento soprava uma brisa suave e morna, balançando ritmadamente as árvores ao longo da calçada. Na rua, poucos veículos passavam. Aqui e ali, mães levavam seus filhos à escola, alguns pequenos pareciam sonâmbulos, caminhando quase dormindo.

Na padaria, sentei-me ao pé do balcão. Um cheirinho de café fresco logo alcançou meu nariz. Havia outras pessoas: algumas ao longo do balcão, outras formando pequenos grupos ocupando a maioria das mesas.

Pedi o de sempre: um café médio e alguns pãezinhos fumegantes expostos na pequena prateleira. Na parede, no alto, uma TV transmitia o telejornal da manhã. Quase ninguém prestava atenção, mas a TV estava ali para entreter aqueles que queriam se atualizar com as notícias nacionais e internacionais ou que buscavam assunto para conversar ao longo do dia.

De repente, algo chamou a atenção de todos. Eu não percebi de imediato do que se tratava, mas logo voltei meu olhar para a televisão e percebi o motivo da expectativa geral.

Alguém havia interrompido a programação para dar uma notícia urgente. Em Avignon e Bordeaux, na França, OVNIIs foram avistados durante a madrugada. Várias testemunhas faziam declarações veementes. Eu nunca vira nos telejornais da TV aberta notícias como essa.

Uma mulher aparentando 40 anos afirmava que levantou no meio da noite para tomar um ar na varanda da sua casa, juntamente com o marido, quando foram surpreendidos por uma intensa luz vindo em sua direção. Em seguida, uma grande nave passou silenciosamente por sobre a sua casa, a uns 10 metros de altura, o que foi confirmado por seu esposo.

Alguns depoimentos foram até engraçados, como o de um velhinho que disse ter sentido cheiro de enxofre antes do avistamento. Outro jurou que conseguiu enxergar seres extraterrestres dirigindo a nave, ou aquele que afirmou que os ETs fizeram uma varredura no seu cérebro que o deixou meio desorientado.

Após mais alguns comentários de moradores daquelas cidades que diziam ter visto o OVNI, o repórter encerrou a matéria com a frase: verdade ou ficção?

Em seguida, o telejornal retomou a sua programação com o apresentador visivelmente nervoso e um tanto confuso. Depois do silêncio expectante, o vozerio ansioso. Olhei ao redor e todos comentavam a notícia. Como não havia ninguém conhecido, fiquei apenas prestando atenção nas conversas.

Aos poucos, identifiquei três grupos de opiniões: alguns achavam aquilo tudo ridículo, mais uma mentira da mídia; outros estavam na dúvida - será que estamos sozinhos no Universo?; e outros ainda, falavam: enfim, eles chegaram.

Alguns dias depois, ninguém mais lembrava daquela notícia até o aparecimento de novos OVNI's em cidades da Alemanha. Desta vez, à luz do dia, com várias pessoas declarando serem testemunhas oculares.

A repercussão foi bem maior. Toda a imprensa mundial não comentava outra coisa. Repórteres do mundo todo lotavam esses locais. As opiniões se dividiam, dúvidas e questionamentos eram levantados. Fanáticos se reuniam para entoar louvores. Ufólogos eram convidados a opinar. Cientistas, militares e artistas famosos dividiam as atenções enquanto discutiam quem seria encarregado de contatar os supostos ETs. Todos queriam ter o direito e o privilégio.

As coisas iam nesse ritmo quando uma nova notícia explodiu: novos avistamentos, desta vez numa grande metrópole. Em Moscou, capital russa, naves gigantes apareceram para quem quisesse ver.

Eu já não sabia o que pensar. Seria verdade? Eles chegaram? Sempre fui fascinado por esse assunto, mas agora estava na dúvida. Não seria invenção da mídia ou de algum governo, mais um modo de dominação? Até 1 ano atrás, ETs eram temas de revistas e congressos especializados ou então dos hippies e dos esotéricos. Agora, todos os dias se fala nisso em todos os noticiários, eles aparecem à luz do dia, em grandes cidades, à vista de centenas, milhares de pessoas.

Questionava a mim mesmo deitado em minha cama: se milhares de pessoas se dizem testemunhas, não haveria algo de sério nisso tudo? Estariam todos sendo vítimas de alucinações e enganos? Não haveria ali algumas pessoas honestas e incapazes de inventar uma mentira destas? Certamente podem estar todos sendo vítimas de uma ilusão, mas não seria correto agir como São Tomé na base do “ver para crer”. Quando muitos fazem declarações idênticas, podemos acreditar numa alucinação coletiva? Será que todos tinham se combinado para mentir da mesma forma?

Estes pensamentos fervilhavam na minha mente quando, talvez por cansaço, adormeci.

Os dias passaram e já não restavam dúvidas. O que ufólogos do mundo todo afirmaram há décadas era verdade. Não estamos sós no Universo. Há outros planetas habitados além da Terra. Alguns ainda permaneciam na negativa, afirmavam teorias da conspiração, como aqueles que não acreditam até hoje que o homem foi à Lua ou que a Terra é redonda.

Agora era oficial. O homem travou contato com seres extraterrestres. Enquanto autoridades mundiais tentavam comunicar-se com os ETs, eu me perguntava: E agora? O que eles querem de nós? O que vieram fazer aqui?

Certamente são seres mais avançados que nós, pelo menos em inteligência, senão não teriam superado a barreira das viagens interplanetárias que tentamos ultrapassar há tanto tempo com a nossa tecnologia rudimentar.

O que trazem para nós? Os seus conhecimentos nos libertarão da ignorância ou nos escravizarão? A essa altura, percebi que estava com sede. Naquele dia, o sol estava especialmente escaldante. A brisa havia sumido, ficando um abafamento que produzia suor abundante. Como eu estava na rua, dirigi-me até uma lanchonete e pedi uma água. Meu rosto estava lavado de suor. O líquido desceu garganta abaixo com uma refrescância que não havia prestado atenção. Aliás, tão pouco cuidado temos com a água do nosso planeta, não prestamos atenção no quanto ela é valiosa para a nossa sobrevivência.

No noticiário da TV, falava-se de certos grupos que protestavam contra a pressão que as autoridades faziam sobre os ETs e pediam liberdade para eles em nome da vida.

- Liberdade para os ETs! Liberdade para os ETs! Gritavam centenas de ativistas enquanto uma jovem dizia ao repórter que os ETs mereciam viver junto com a comunidade humana sem serem incomodados! Que estávamos tratando eles como sempre tratamos as minorias da Terra, sem respeito à liberdade e à vida.

Em determinado momento, a câmera deu um close em um dos extraterrestres, mostrando seus olhos brilhantes. Naquele momento, fiquei em suspenso. Olhei aqueles olhos detidamente. Passavam uma certa angústia, mas ao mesmo tempo uma profunda serenidade. Fui para casa sem que aquele olhar saísse da minha mente. Sentei-me no sofá da sala e, à meia luz do entardecer, fiquei a refletir no que vi e ouvi na televisão. Como minha esposa estava em casa, expus os meus pensamentos a ela.

Ela, com certeza, não estava se incomodando muito com tudo o que estava acontecendo. Em determinado momento, ela disse:

- Talvez eles nos ensinem novos métodos de cura, como acabar com a fome no mundo, novas tecnologias e conhecimentos. A humanidade pode ganhar muito com a presença deles.

- Pode ser, mas o que estamos dando em troca? Perguntei por minha vez. Estamos sufocando-os! Talvez eles tenham vindo com o

propósito de ajudar o nosso progresso, mas não estamos dando a eles essa possibilidade. Eles acabarão morrendo antes que façam qualquer coisa por nós. Eu vi a angústia nos olhos do ET. Os alienígenas estão sendo alvo de disputas e negociações para ver quem fica com eles como se fossem mercadoria!

- O ser humano sabe ser cruel quando quer! Disse minha esposa.

- Veja o que fazemos com as minorias da Terra, continuei. O que é que fazemos com os homossexuais, com os negros, com os deficientes, com as mulheres... com os diferentes?

- O ser humano tem medo de tudo que foge do padrão que elege como normalidade, disse eu. A sua reação é de fuga ou de extermínio. Uma simples tatuagem é suficiente para nos distanciarmos de alguém, achando que estamos diante de um drogado, e o olhamos de través. Confundimos moral com cultura. Afastamo-nos do diferente sem nos darmos a chance de compreendê-lo. Encaramos tudo que é diferente como algo assustador. Tememos perder a nossa supremacia, daí subjugamos o outro para não sermos subjugados. O que fazemos com os negros e as mulheres deveria ser encarado como algo terrível, mas olhamos como se fosse natural, algo que faz parte da nossa cultura. Como reagiremos ao encontrar um alienígena andando na rua, no shopping, no supermercado? Agrediremos como se faz muitas vezes com as pessoas de cor, com os mendigos? Fugiremos com medo?

Neste ponto, ela me indagou:

- Você acha que o branco tem medo do negro? Que os homens têm medo das mulheres?

- Sim. Temos medo de que eles tomem o nosso lugar, daí procuramos anular a sua ação, aniquilando-os, anulando-os, criando modos de subjugação.

A conversa foi muito estimulante, mas eu precisava descansar. Nessa noite, não consegui pregar o olho, vindo a adormecer somente quando o sol começou a despontar. Ainda deu tempo de olhar, pela janela aberta do meu quarto, aquele espetáculo da Natureza e agradecer a

Deus pela capacidade de enxergar toda aquela beleza e magnificência. Os raios solares começavam a banhar o céu azul, tornando-o multicolorido, como símbolo de uma nova esperança.

Finalmente, adormeci. Sonhei. Acordei tarde e ainda lembrava do sonho que trouxe algumas respostas para as inquietações do dia anterior. Levantei, lavei o rosto no banheiro e tomei um pouco da água que estava numa mesinha ao lado da cama.

Sentei-me na beirada da cama e comecei a relembrar o sonho. Havia naves espaciais e navios à vela, ETs e índios. Inicialmente, não entendi nada, mas sabia que havia um significado importante. As imagens dos indígenas e dos navios me fizeram pensar na chegada dos europeus ao Novo Mundo. Eles trouxeram doenças, morte e escravidão para os nativos, mas também conhecimentos avançados, desconhecidos para os habitantes dessas terras.

Comecei a compreender o sonho. Fazendo uma analogia, nós éramos os nativos enquanto os ETs eram os visitantes. Eles traziam progresso para nós, porém, era necessário acolhê-los como faríamos com uma visita à nossa casa. A analogia parava por aí, pois eles não me pareciam agressivos ou com intenções de nos explorar.

Naquele momento, uma ideia se iluminou em minha mente. E se esses alienígenas fossem apenas a primeira leva, como missionários que vieram para preparar o caminho para outros que virão? Há muito tempo eles têm aparecido por aqui. Por que somente agora decidiram revelar sua existência a todos? Será que nos consideraram preparados para recebê-los somente agora?

Provavelmente, estamos iniciando uma nova era não só de avanços tecnológicos, mas também morais. Eles vieram para nos ensinar a dar um passo definitivo em direção à fraternidade entre nós e os seres do Universo. Dos encontros entre europeus e indígenas surgiram os caboclos ou mestiços. Quem sabe desse contato com os extraterrestres não nascerá uma nova raça? Fisicamente mais avançada para abrigar uma alma mais evoluída?

Talvez precisemos aprender a ser como as crianças! Sem terem sido afetadas ainda pelos preconceitos e rótulos sociais, agem com sinceridade e não temem o que é diferente; acolhem-no com generosidade.

“Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porque o Reino dos Céus é para os que se lhes assemelham”, disse Jesus (Marcos, X, 14).

Todas essas reflexões, porém, são apenas pensamentos imaginativos. Precisamos aguardar os acontecimentos. Talvez não vejamos nada disso nesta vida, mas com certeza o futuro nos reserva grandes surpresas e maravilhas.

F I M